

## Sobre 'Cultura'

J. Roberto Whitaker *Penteado*

*Quando me falam de revólver, eu puxo a minha cultura!- Vários autores – em diversos momentos.*

Eu gosto de música chamada “clássica”. Gosto tanto que, em algumas fases da vida dediquei a ela muitas e muitas horas do meu tempo, primeiro selecionando só música bonita e gostosa para apresentar no meu programa Conversa de Música pela Rádio MEC, durante cerca de 8 anos; depois, transformando os conteúdos dos programas em textos, que foram publicados no jornal eletrônico Montblaat do Fritz Utzeri.\* Há material para um livro, se houver editor interessado.

Como o nome não indica, “música clássica” é uma impropriedade. No senso estrito, refere-se à música produzida entre os meados do século 18 e o início do século 19 – que refletia as mudanças que ocorriam na economia e na ordem social da época, uma delas a “revolução” industrial, que trouxe grandes melhorias aos instrumentos musicais (como máquinas, que são), tornando-os também mais complicados.

Isso criou, em todo o mundo, uma indesejável separação entre a música “clássica” e a “popular” – que vigora sobretudo no Brasil, onde as estações de rádio dividem-se entre as que tocam só este último gênero (umas poucas “tocam” a notícia) e umas duas ou três que, heroicamente, apresentam o imenso e variadíssimo repertório, em uma variedade de estilos que foram desenvolvidos principalmente na Europa, nos últimos mil anos.

Trata-se de uma imensa desproporção – uma covardia – considerando as mais de 4 mil emissoras em funcionamento, no país. Na verdade, haveria outro artigo a ser escrito sobre a péssima qualidade da música “popular” veiculada pela maioria delas...

O que há é boa música e música ruim. E o fato de a música clássica ter sido praticamente banida da mídia eletrônica resulta em que o acesso dos brasileiros a esta enorme riqueza da civilização ocidental tornou-se estritamente limitado.

Sinto-me ainda mais frustrado quando vejo que mesmo essa distribuição homeopática, muitas vezes, é estranhamente controlada por gente que, em geral, não conheço, mas parece arvorar-se em “donos” da cultura. Talvez por isso, a programação anual da Sala São Paulo – ou do Teatro Municipal, no Rio – incluía obscuros oratórios que Mendelssohn compôs na juventude ou uma proliferação de música soviética semi-contemporânea de qualidade questionável. (Para dar um exemplo concreto: o menu do concerto do próximo dia 10 de abril, da “Sala”, é composto pelos compositores Marcus Siqueira, Bohuslav Martinu, Max Reger e Alberto Ginastera. Quem aguenta?)

Mesma coisa, pelo rádio. No espaço de duas semanas, ouvi duas vezes a *Dansa Macabra*, de Saint Saëns, as 7 da manhã. É comum a apresentação de música de câmara avant-garde ou de óperas do período pré-barroco, nas horas do rush de tráfego, quando o rádio poderia estar amenizando o sofrimento de todos com coisa mais simples e melódica. Proponho acabar com esses fraque e casaca inúteis – lembrando que uma das passagens mais belas do *Guarani*, de Carlos Gomes, foi baseada no tema infantil *Eu fui no Tororó ...*

\* Os interessados podem encontrar este samitzadt brasileiro em [www.montblaat.com.br](http://www.montblaat.com.br)

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=15&ID=505>>. Acesso em: 23 jul. 2009.